

“Homo violens”: o declínio do pai e a violência contemporânea

WELLINGTON LIMA AMORIM*

PAULO FERRAREZE FILHO**

Resumo

A pretensão deste artigo visa encontrar as origens da violência contemporânea a partir da idéia de declínio do Pai. O desafio é verificar como a identidade humana se faz em torno da figura do Pai, a lei, e que isto não é um problema, mas uma solução para controlar as diversas formas de manifestação da violência na contemporaneidade.

Palavras-chaves: Lei; pai; violência.

Abstract

The intention of this article aims to find the origins of contemporary violence from the idea of decline of the Father. The challenge is to see how human identity is made around the figure of the Father, the law, and that this is not a problem, but a solution to control the various manifestations of contemporary violence.

Key words: Law; father; violence.



* **WELLINGTON LIMA AMORIM** é Doutor em Ciências Humanas pela UFSC - Professor adjunto da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wellington.amorim@gmail.com



** **PAULO FERRAREZE FILHO** é doutorando em Direito pela UFSC. E-mail: ferrarezefilho@yahoo.com.br

Todos comungamos do erro. Uma vez cometido, esse não pode ser considerado tolo ou desdito, que, afundado em culpa, repara o mal e não se obstina
(SÓFOCLES, 2001, p.75)

I – Imersos em uma teia de relações sociais, constantemente nos deparamos com situações que nos confronta com outras pessoas e, conseqüentemente, com outros interesses. Nesse contexto, muitas vezes, exacerbam-se os valores individuais e acentua-se o caráter individual do homem moderno.

II – Ao longo da história humana, o homem foi definido a partir de certas características, consideradas a partir de sua “natureza”. Como ser dotado de razão, de consciência, foi chamado *homo sapiens*. A fim de reforçar suas qualidades intelectuais passou ao status de *homo sapiens sapiens*. Outras denominações, tais como: *homo faber* (*ser que possui a capacidade de fabricação*), *homo laborans* (*ser que se completa pelo trabalho*); *homo politicus* (*ser destinado à atividade política*), *homo hierarquicus* (*ser preso a uma determinada ordem hierárquica*), etc. Neste momento demonstrar-se-á uma das muitas facetas humanas: A violência, ou *homo violens*.

III – A abordagem que passa pelo que se entende por *homo violens*, é o ser que é estruturado e definido por uma característica pouco convencional: a violência. Do latim, *vis* significa violência, mas também força, vigor, potência. Hannah Arendt distingue a violência de poder (resultado da capacidade que tem os homens para agir em conjunto), do vigor (característica singular. Ex. vigor físico), da força (energia produzida por movimentos de

natureza física ou social) e da autoridade (reconhecimento que não se pode duvidar e não necessita da coerção ou da persuasão para sua existência) (ARENDDT, 1970). Por violência não deve ser entendido o próprio poder, mas apenas um instrumento deste mesmo poder. A violência é uma das máximas expressões da potência humana transformada em ato.

IV – Mas seria a violência humana parte de sua “natureza” ou *condição*? Toda potência que se transforma em ato é necessariamente violenta? Por isso, é necessário argumentar através da introdução de uma série de questionamentos éticos e sociológicos. Será que podemos estabelecer uma forma de identificação entre os homens a partir do que entendemos por violência?

V – O convívio social é indispensável para que o indivíduo alcance o seu desenvolvimento moral e intelectual. A aproximação social pode ser entendida até como uma potência natural do homem. No entanto, o indivíduo está reduzido a mero produto da sociedade? Há no homem um conteúdo independente das condições sociais – uma potência livre? A partir desta potência é que o indivíduo progride e transforma a realidade social na qual está inserido. Porém, considerar o homem como mera individualidade não passa de ficção. Em verdade, o homem é um ser marcado pela ambigüidade. Afirma-se como soma sem deixa de ser uno.

VI – Ainda que o homem seja potencialmente e racionalmente social, há em sua natureza certas potências anti-sociais que, muitas vezes, o impelem a “revoltar-se” e agir em prol de apenas seus próprios interesses. Pode ser que o homem, principalmente o moderno, tenha esquecido, ou recusa-se a reconhecer a fonte de sua potência, mas fica patente que está organizado a partir de uma ordem e possivelmente a partir de uma potência negativa.

VII – Inúmeras são as teorias desenvolvidas: *a concepção behaviorista (o homem é determinado biologicamente); a concepção freudiana (o homem é produto da satisfação ou repressão de seus instintos); a concepção sociológica (o homem é produto da sociedade em que está inserido); a concepção interacionista (a personalidade e a sociedade são reflexos da interação social)*. Esta polêmica que discutiu homem-sociedade perdurou por todo o século XIX e início do século XX. Enquanto uns apontam para uma preponderância do homem sobre a sociedade, os demais postulam a existência de uma realidade material e transcendental da sociedade em detrimento do ser humano.

VIII – Entendo o homem como um ser único, capaz de ser ao mesmo tempo autor e intérprete de sua existência, ou seja, dotado de capacidade para escolher seu modo de vida. A questão do relacionamento entre os homens é latente na História humana, e constantemente indagamo-nos acerca do modo como nos relacionamos com os outros.

XIX – Certos comportamentos podem ser entendidos como grupais, ou seja, como determinados pela convivência em

certo grupo social. O homem o adquire porque está nele inserido, mas este não deve ser entendido como um comportamento seu *strictu sensu*. Desta forma os fatos sociais são exteriores as consciências e o homem o adquire para que possa conviver em sociedade. Os fatos sociais podem ser compreendidos como coercitivos, e que exerce pressão sobre o homem.

X – Ao viver em sociedade, o homem está em relação com os outros homens e adquire consciência grupal. Os fundamentos das interações sociais são estes contatos sociais e o isolamento do sujeito. Compreender o homem e a sociedade é estão passar pela compreensão destes requisitos. Não nos parece ser possível desvincular o homem da sociedade. O homem, como já observamos anteriormente, é um ser ambíguo, é e não é social, identifica-se e não identifica-se, relaciona-se e não relaciona-se com os outros. Afirma-se, deste modo, que a ambiguidade do homem, se apresenta ao mesmo tempo criminoso e virtuoso.

XI – Por estar inserido em uma sociedade estruturada, o homem é imensamente influenciado, ou seja, não podendo viver isolado, recebendo estímulos da realidade na qual imerge. Erich Fromm estabeleceu duas hipóteses para este comportamento humano: 1) Os homens não podem viver sem cooperarem com outros homens; 2) A consciência subjetiva de si permite ao homem reconhecer-se como distinto da natureza e de outros homens (FROMM, 1970).

XII – Apesar das influências externas, não nos parece descartável a idéia de uma subjetividade intrínseca ao ser humano. O estilo de vida é um fato

importantíssimo no desenvolvimento de nossa humanidade, mas certos fatores inerentes à sua subjetividade são imprescindíveis para seu comportamento posterior. Mesmo que reconheçamos que existem variações culturais, nossas qualidades e ações posteriores são também produto de nossa subjetividade. Hoje, mudanças recorrentes deslocam o eixo da subjetividade para o da objetividade.

XIII – Todos somos criminosos e vítimas. Vítimas de nossos próprios crimes e de nossas próprias vítimas. No entanto, como observa Sartre é pela violência que o Homem tem a possibilidade de se recriar. De provém nossa violência?

XIV – Toda a violência provém de uma falta, da não aceitação da falta! Para Lacan, o sujeito é furado, possui uma falta originária que representa a falta de uma resposta que insiste em se colocar diante do sujeito, algo que não pode ser dito e ultrapassa os limites da razão pura. E a não aceitação desta falta é que provoca o movimento do Homem para além dos limites de nossa razão, produzindo a violência, o irracional. Heidegger postula:

Uma falta existe, ela é. Mas aquilo que é e é verdadeiro, isso a partir de Deus. Portanto, Deus causa do mal (mas isso impossível, Deus unus, bônus). Mas então também não toda a verdade a partir da veritas prima. Por trás dessa questão se esconde o problema ontológico geral, que vamos encontrar mais uma vez junto da questão da falsidade: Como é e pode ser o negativo, o faltoso? (...) Em que medida o negativo, o faltoso determina sua respectiva verdade e cognoscibilidade?. (HEIDEGGER, 2012, p.80)

XV – Em Aristóteles não há uma pressuposição dogmática como causa final, mas existe uma abertura ontológica. No entanto, como aponta Heidegger, os pressupostos da modernidade se dão a partir da Teologia racional que Tomás de Aquino colocou como base fundamental, ou melhor, a pressuposição de uma causa final, ôntica e dogmática, Deus.

XVI – Tomás de Aquino nos colocou diante de um pai, da lei divina, um Dever-ser, um objeto suspenso e inalcançável. Este pai será redescrito como a lei moral em Kant, no século XVIII. E como Kant realizou este feito? Lacan nos demonstrou que a grande astúcia kantiana foi separar o conceito de Bem, do bem-estar. Kant purifica o Bem Supremo de tudo que se relaciona com o bem-estar, que consiste no prazeroso, agradável, utilitário. Por sua vez, o caminho desta purificação se afirma pela lei.

XVII - No entanto, a crise da modernidade é a crise da lei kantiana, o declínio do pai. Crise esta, que Edmund Husserl aponta como a crise da Filosofia Moderna e da unidade espiritual da Europa. Sendo assim, a crise e a tragédia da existência atinge seu ponto máximo no século XX, ou seja, como dirá Luiz Sérgio Coelho Sampaio, as culturas travam entre elas, e consigo mesmas, relações complexas de desejo recalcado, de fingimento e de superação. Assim, a cultura moderna, mantém o desejo recalcado, da mesma forma que a religião que a precedeu, desejo este explorado agora no campo da física, enquanto disfarça o fato de constituir-se ela mesma numa religião. Seu fingimento de superação se desenrola na forma da biopireotecnica, irradiado em apoteose publicitária (SAMPAIO, 2002).

O que a modernidade recalca? A falta, o faltoso!

XVIII – Diante da falta podem-se tomar dois caminhos diferentes: a) Aceitação da falta, através de uma posição niilista (*passiva ou ativa, não importa*); b) Ou trazer à tona a falta, o que Lacan, chama de objeto a, para colocá-la em cena, integrada a razão. Ou seja, trazer o invisível para o visível, o obscuro para a cena, uma utopia pornográfica. E neste último ponto pretendo refletir!

XIX – Para isso, é preciso crer na fraqueza humana! Porque ela é uma porta de entrada para a humildade, para o desprezo do orgulho e da soberba. Rios de tinta foram usados para explicar o pecado original! Sempre o colocando como um mal originário, uma falta originária, como um desvio que conduz a malignidade! Sempre fonte de um sofrimento inútil.

XX – Obviamente que a palavra pecado pode ser utilizada em muitos contextos religiosos, no qual exista uma relação entre Deus, o ser humano e a liberdade. Neste sentido, as linhas que aos poucos se mostrarão propõe ver o pecado sob outro ângulo, não como uma derrota, mas como fonte de sabedoria. A desmesura, o excesso e o luxo podem ser fontes de abertura para a felicidade imanente do mundo. Para esta compreensão filosófica não existe um determinismo, e nem muito menos a moralidade! Para o meio natural e as condições dadas pela natureza, só existe a indiferença. Estamos sozinhos! Não existe um caminho! Escolhemos e construímos o nosso caminho! Peregrinamos e somos lançados ao mundo contingente, com apenas um objetivo: realizar todos nossos desejos e prazeres mais íntimos.

XXI - Provocar significa “*tirar de dentro*”. Da mesma maneira todos os sofrimentos decorrentes de um suposto pecado, nos provocam, ou seja, é preciso ser provocado pela força do pecado, para perceber que existe uma espécie de beleza no ato de pecar, principalmente quando este nos leva a decadência, que nos faz defrontar com a nossa condição humana demasiadamente humana. Afinal, ser um niilista passivo, melancólico, que se lamenta por nossa condição selvagem, na verdade é um moralista radical, ou seja, se considera um virtuoso, um soberbo, um orgulhoso, e isso é uma postura fácil demais e que não implica mudança. Aliás, há pessoas que se acostumaram com o que tem de pior dentro delas e deram a si mesmas uma autorização de derrota: o fracasso. Por sua excessiva virtuosidade.

XXII - O caminho para sabedoria nos conduz exatamente para a experiência da possibilidade de fracasso. É exatamente na vida decadente que encontramos aquilo que realmente somos. Daí a importância da *humildade*. Esta palavra tem seu radical na palavra latina *humilitas*, que está relacionada com a palavra *húmus*, que por sua vez se relaciona com a palavra *terra*. Assim, humildade é reconciliar-se com a nossa condição terrena, passageira, contingente, ou seja, a experiência do fracasso de nossa virtuosidade nos leva a tocar o chão de nossa humanidade.

XXIII - Assumir-se um pecador, um libertino, um perverso, e sendo sempre consciente de sua perversidade e libertinagem diária, é criar condições para demonstrar a beleza do pecado. É preciso refletir sobre o significado da palavra pecado: pecar significa *errar o alvo*. Com isso, assumir sua decadência é elevar o pecado à condição máxima, é

estar sempre errando o alvo. Mas existe um alvo? Na verdade não existe um alvo.

XXIV – Por isso somos violentos, estamos sempre errando o alvo, ou seja, só vai se chegar à beatitude, quem se assumir violento, estando em um contínuo combate, e desenvolvendo sua vontade de potência, exercitando seu *conatus*, se assumindo humano, demasiadamente humano, submisso e fracassado diante de seus desejos mais íntimos.

XXV – O verdadeiro fracasso está na virtude, servidão, obediência, ressentimento, passividade! Não realize suas tarefas por convicção, mas por obrigação. Seja um estoico, em vez de um epicurista. Acredite sempre que *"os últimos se tornarão os primeiros"*. No entanto, se caso não desejes ser um fracassado: *"Entre a serenidade e o sangue, o natural é inclinar-se para o sangue. O assassino supõe e coroa a rebelião:*

Quem ignora o desejo de matar, por mais que professe opiniões subversivas, sempre será um conformista (...). É o louco que existe em nós quem nos obriga à aventura, se nos abandona, estamos perdidos: tudo depende dele, inclusive nossa vida vegetativa; é ele quem nos convida a respirar, quem nos obriga a tal, e é também ele quem empurra o sangue por nossas veias. Se ele se retirasse, ficaríamos sós! Não se pode ser normal e vivo ao mesmo tempo. (CIORAN, 2012, p.30).

XXVI - Podem-se utilizar dois tipos-ideais, retirados da literatura de terror do século XIX, para exemplificar esta questão. Já que nosso amigo Emil Cioran é um leitor assíduo de Mary

Shelley e Bram Stoker. Cabe ainda lembrar que no século XVII e XVIII, nos contos do divino Marquês de Sade, não observamos a exigência de reconhecimento dos seus personagens, eles concordam em estar à margem, são naturalmente marginais, obscenos, estão fora de cena, e não se ressentem disso. E como se existisse um acordo entre o que está dentro dos limites da razão, e o que está além destes limites. Mas é no século XIX que se instaura o medo, decorrente de uma sociedade dividida, entre o que está em cena e o que é obsceno, e pelo desejo utópico de curar esta ferida aberta.

XXVII - Quem é o Drácula de Stoker? E um cavalheiro decadente, doente, um aristocrata, que se recusa a sociedade capitalista. Representa a vontade de potência, do desejo de posse. Representa nossa obscenidade, recalcada nos Cárpatos, confinado em um único lugar, é um animal em extinção, o último de sua estirpe. No entanto está em época de transição. Está entre a aristocracia decadente e o moderno capitalismo. É uma consequência natural da exarcebção de nossa vontade de potência, ameaçando a idéia de liberdade individual, característica máxima da modernidade. O conde exige reconhecimento. E por isso é uma ameaça.

XXVIII – O que o obsceno nos ensina? “Quando todos nós tivermos compreendido que o nascimento é uma derrota, a existência, finalmente suportável, surgirá como dia que se segue a uma capitulação, como o consolo e o descanso do vencido”. (CIORAN, 2012, p.40). A obscenidade nos ensina a verdade do Ser. Ela revela o Ser enquanto poética e expõe nossa potência que é avaliada conforme a

nossa utilidade. A obscenidade se mostra enquanto libertação da técnica do pensamento e se mostra como *techne*. A razão vive no seco, na fome pela transcendência, na busca pela obscenidade que o Homem (*dasein*) deveria integrar: “Será que se pode chamar “irracionalismo” o esforço de repor o pensamento em seu elemento?”. (HEIDEGGER, 1985, p.20).

XXIX - Todo espírito niilista tende à autodestruição. Bebidas, drogas e orgias podem fazer parte do cotidiano tanto quanto arroz-com-feijão. Mas, longe da razão que fundamenta nossa cultura estilo detergente, onde reside a riqueza niilista? Se a repetição é a praga de uma vida piegas, que prefere a segurança dos lugares sabidos, a diferença é o chão cotidianamente inédito onde pisam os niilistas. O niilismo é a virtude (?) de todos aqueles que divinizam o presente.

XXX - O mundo contemporâneo respira a decadência, o contingente, o orgiaco. A sensibilidade é trocada pela razão. O erotismo é trocado pela pornografia. A casa em que se mora é vista como investimento, não como teto. Nossos filhos são nosso Ego arrogante que estende tentáculos pelo mundo, é nossa obra de arte de carne e osso, antes de serem indivíduos com potências próprias. A sede que temos é uma sede que não acaba.

XXXI - Há quem transite neste tempo como se estivesse sempre semi-bêbado, com uma garrafa de uísque na mão, fugindo de um mundo em chamas. Há quem transite por aqui como se estivesse dormindo, embalado pelas distrações do consumo, do conforto e da covardia. Há outros, ainda, que transitam de pés descalços e peito nu no meio do fogo, testando uma auto-resistência que os

levará ao mesmo caixão frio e esquecido dos demais. Carne viva que espera ser carne morta. A crítica do modo de vida ocidental chegou ao limite do inédito, não há mais o que ser dito ou desvelado: todo o fedor já chegou até nossas narinas, toda a beleza já se apresentou a nossos olhos míopes. De agora em diante é rotina, servidão e espera.

XXXII - A crítica da sociedade hipócrita é transformada em indiferença e falta de sentido. Sem um porvir que nos aguarde, qual instante poderá ser mais mágico do que os labirintos do agora e a nossa fidalga tentativa de encontrar saídas a cada novo segundo que o relógio marca? Todas as buscas e lutas são partes de um processo natural, ao qual temos de passar. Ensinam-nos que temos obrigações a cumprir com a sociedade, com a família, com o Estado, com a opinião pública. Somos a roldana de uma grande máquina chamada culpa e, se nossas obrigações não forem satisfeitas, a máquina parará, e seremos descartados.

XXXIII - Diz que o tempo destrói todas as coisas, que ele é nosso maior inimigo. Os filhos do conforto – seja esse acomodamento intelectual, econômico, físico ou psíquico – herdarão o inferno. Não aquele de chamas e diabices da fábula infantil do cristianismo, mas o inferno terreno de viver, todas as manhãs no espelho quebrado do banheiro, o sorriso amarelo da auto-traição, quando vendemos, sem cláusula de arrependimento posterior, nossos desejos pela utilidade, pela aparência ou pelo falso argumento da sobrevivência. Só sobrevive quem está perto da morte. Nós, suicidas de todos os gêneros, estamos mais vivos do que nunca, pois já perdemos o medo da morte. Como

superar esse niilismo? Como curar esta nossa ferida? A restauração da lei?

XXXIV - Existem dois pesadelos que rondam nossa existencialidade. O primeiro é a eterna dúvida sobre a realidade do mundo e da vida humana. Como não se pode confiar nos sentidos, no senso comum ou nas cogitações da razão, é possível que tudo que consideramos como realidade não passe de um sonho. O cinema já aventou essa hipótese em filmes como *Matrix* (Estados Unidos-Austrália 1999), *A Origem* (Estados Unidos, 2010) e *Waking Life* (Estados Unidos, 2001). Nos três filmes, a ideia central é de que a realidade tal qual como concebemos é apenas uma redução parcial de um universo paralelo, que acontece distante dos nossos sentidos imediatos. Essa hipótese recria, contemporaneamente, a filosofia idealista de Platão, filósofo da antiguidade que pensava que a *doxa*, ou seja, o senso comum ingênuo, era mera sombra das verdades reais.

XXXV - O segundo pesadelo se refere à nossa condição humana. Uma vez que estamos condenados a ser livres, como afirmou Sartre, concebemos que há na existência humana um gênio maligno que macula os fenômenos terrenos e que rancorosamente trai o homem. A ideia de que o homem nasce com disposição para o bem, é mera retórica de filosofias ingênuas da Modernidade como a de Rousseau. O bom selvagem de Rousseau é a máscara de uma civilização fundada e constituída por gente hipócrita.

XXXVI - Vivemos no paroxismo de um paradoxo: os limites da razão humana oferecem como resposta a impossibilidade de que haja uma resposta. Dito de outro modo, a razão gagueja quando pretende atingir ou

postular qualquer tipo de verdade. Daí que o conceito de certeza se instaura na Modernidade como um dos fundamentos da moral. Certeza de um amor para a vida toda (apesar do êxito dos puteiros), certeza de uma profissão para a vida toda (apesar dos aumentos exponenciais das depressões laborais e dos danos morais no ambiente de trabalho), certezas nas decisões de processos judiciais (apesar das absurdas arbitrariedades jurisprudenciais sustentadas em provas altamente subjetivas), certeza, por fim, do sentido de família (apesar de todos os divórcios, desamores e do abandono inevitável dos pais pelos filhos).

XXXVI - A mudança radical de padrões morais que ocorreu no primeiro século da era Moderna foi inspirada pelas necessidades e ideais da ciência. O ceticismo, como uma espécie de “*método para duvidar*”, tratou de substituir a verdade pelo verdadeiro e a realidade pela confiabilidade. A convicção de Descartes de que nossa mente não era a medida de todas as coisas, nos colocou diante da compreensão de que não existe uma certeza. Por isso, segundo Emil Cioran, *tudo que o homem empreende volta-se contra ele*. Toda ação é fonte de infelicidade, pois agir contra o equilíbrio do mundo é estabelecer um objetivo e projetar-se no devir. O menor movimento é nefasto. Detonam-se forças que podem ser esmagadoras. Viver realmente é viver sem objetivos. Basta abandonar a infantil ideia de que respostas podem salvar.

XXXVII – O inconformismo é o efeito de um homem que, cada vez mais, se percebe absurdo. Hoje, nossa educação maniqueísta se vê obrigada a parar no pedágio do paradoxo contemporâneo.

Esse é o preço do inconformismo das ruas, dos desamores, dos desempregados, do engano, de ser passado, de ser incompleto e de estar com um contundente sentimento de que o sentido escorre entre os dedos. Se de um lado a ambiguidade produz as variantes possibilidades do múltiplo, de outro, ela é célula-mater do medo que se pendura em nosso paletó bem passado... Estamos desde sempre educados a torcer pelo mocinho. Estamos desde sempre acostumados com finais felizes. Estamos desde sempre crentes de que há um idílico sítio em que os passarinhos idiotas vão cantar eternamente, enquanto virgens saborosas reboam suas ancas diante de nossos olhos vencedores, ávidas por assassinar nosso desejo – duro ou úmido – com golpes galopantes de gozo. A riqueza do múltiplo somado ao paralisante efeito do medo formatam um homem absurdamente bipolar, jogado no centro velico do furacão do perspectivismo. Uma overdose de sentidos cruza os significantes do homem contemporâneo que é, sobretudo, um homem absurdo por conta do inevitável enfrentamento com seus próprios opostos. Esse encare não se faz sem dor, já que toda dor é dor de combate. Pois não seria, por fim, majestosa e arrogante, a Dor, a abelha rainha desta colmeia de absurdos?

XXXVIII – Ter consciência de que não somos deuses nem idiotas, como diria Bataille, nos confere a possibilidade de perceber o choque de forças contrárias que nos habita. Esse dar-se-conta não se faz sem um canto antidogmático que o preceda. O dogma, revestido de todo o tipo de bíblia que se adjetiva na cabeça de gente com medo, é um modo de outorgar infantilmente a um pai qualquer, a interpretação moral,

psicológica e sensível dos outros. É uma atitude estranhamente humilde agir no mundo como se se pudesse prescindir de tentar fazer um ego brigar com o outro por mais poder, destaque ou posse da verdade. Todo dogmático de carteirinha tem um quê de egoísta. Por isso, tentar possuir a verdade é a atitude dogmática combatida por quem que já entendeu que respostas significam parcelas incompletas da realidade.

XXXIX – Essa percepção tribal em que os sentidos itinerantes, tem como pressuposto histórico o deslocamento do alvo de ataque. A diferença dos subversivos dos anos 70 para os de hoje é que há um deslocamento do objeto a ser torturado: se antes os militares jungiam dores ao corpo, hoje a ditadura invisível do capital chibata o espírito, um movimento que faz a dor deixar de ser extrovertida para se tornar introvertida. O homem absurdo é aquele que, depois de perceber a ambiguidade, busca internamente meios de viver e respirar a complexidade do caos da vida. Algo tão árduo quanto necessário.

XL – A violência é sobretudo uma incapacidade de perceber a multiplicidade do paradoxo. E essa experiência transformadora da compreensão da paradoxalidade se dá a partir da ruptura com os referenciais paternos (GALVÃO JR, 2012). Algo que a psicanálise, mas antes dela a mitologia, estruturou a partir da hipótese do inconsciente. Matando simbolicamente a figura ideal do Pai, se estabelece uma espécie de metodologia de unificação dos opostos como possibilidade de uma individuação, para usar-se a nomeação de Carl Jung. Uma individuação, porém, não idealista, afinal, ninguém pode dizer, em qualquer momento, que cumprir com alguma

noção de completude a tarefa do autoconhecimento. A individuação que nasce a partir da ruptura com o referencial paterno devém do estabelecimento de uma nova consciência sobre algo ou sobre si mesmo, uma reinvenção perspectiva, um assentamento em outro platô, para usar a terminologia de Deleuze e Guatarri. Sófocles antecipou nossa tarefa em direção à autonomia á desde o mundo antigo, como contemporâneos, somos ótimos pré-antigos.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **Da Violência**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.
- CIORAN, Emil. **História e Utopia**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.
- FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Rio de Janeiro: Biblioteca das Ciências Sociais. 1970.
- GALVÃO JR., J.C. **Sobre a “exceção humana”** – Carta a Lacan, Jung, Schmitt. São Paulo: Liber Ars, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Filosofia Moderna**. Petrópolis: Vozes. 2012.
- _____. **Carta sobre o Humanismo**. Lisboa: Guimarães, 1985.
- SAMPAIO, Luiz Sérgio Coelho. **Filosofia da Cultura**: Brasil: luxo ou originalidade. Rio de Janeiro: Ed. Ágora da Ilha, 2002.
- SÓFOCLES. **Antígona**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Recebido em 2014-07-30
Publicado em 2014-08-11-